

Literatura infantil na pré-escola: por que e para quê?*

Ivete Hipólito Pereira dos Santos

Pedagoga licenciada em Habilitação do Magistério Pré-Escolar, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp – Campus de Presidente Prudente.
e-mail: luzitana@stetnet.com.br

Resumo

Este artigo tem como proposta a valorização do desenvolvimento do gosto pela leitura desde as séries iniciais e a preocupação de por que e para quê se trabalhar a literatura infantil como parte da formação do leitor mirim, desde a educação pré-escolar, criando condições para incentivar e promover o trabalho literário como arte e fonte inesgotável de prazer e entretenimento.

Palavras-chave

Literatura infantil - formação - leitor mirim - pré-escola.

Abstract

This article aims at the valorization of the development of the pleasure in reading from the initial grades and at the concern of the Why and the What For in working with children's literature, as well as the formation of the small reader, beginning with preschool education, creating conditions for motivating and promoting literary work as art and as an inexhaustible source of pleasure and entertainment.

Key words

Children's literature - education - the small reader - Preschool.

* Este artigo originou-se de uma proposta de Intervenção Pedagógica, intitulada Projeto Fênix, desenvolvido em salas de aula de educação pré-escolar da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente-SP, no decorrer do ano letivo de 2000, fazendo parte das disciplinas de Planejamento e Avaliação das Atividades Pré-Escolares, ministradas pela Professora Célia Maria Guimarães, durante o curso de Habilitação para o Magistério Pré-Escolar, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp de Presidente SP.

"A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte, fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível/realização."

(Coelho, 1993, p. 24)

Introdução

Este texto pretende oferecer referências teóricas e práticas sobre por que e para que se trabalhar Literatura infantil na pré-escola. A necessidade de oferecer esses referenciais advém de observações em salas de aula pré-escolares da Rede Municipal de Ensino Emeif Eluiza R. Rodrigues, em Presidente Prudente-SP, no decorrer do ano 2000, no curso de Habilitação em Magistério do Pré-Escolar.

No período de observação em estágio, foi constatada, em algumas salas de aula, a necessidade de se estimular e promover o gosto pela Literatura infantil, em nível pré-escolar, como sendo algo prazeroso.

Considerando a necessidade de uma abordagem literária que possibilite a formação de leitores e o incentivo do gosto pela leitura, fica evidente que haja o empenho de educadores infantis no eixo temático desse texto, que trata do favorecimento da satisfação pessoal e coletiva em crianças, enquanto cidadãos culturalmente sociáveis.

É com a preocupação de expandir o trabalho literário, nas escolas de ensino infantil e fundamental, que proponho sua valorização desde as séries iniciais de educação pré-escolar.

A formação do leitor deve começar

bem cedo e prosseguir em gradativo aprofundamento. Na fase pré-escolar (de 3 a 6 anos), a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente através dos contatos afetivos com outros indivíduos. E nada mais prazeroso à criança que ter ao seu lado um leitor/narrador que proporcione tamanha satisfação.

Este texto sobre literatura infantil surge da necessidade de incentivar, promover e criar condições para que o educador infantil e o das séries iniciais do ensino fundamental possam formar, no leitor mirim, o gosto pelas histórias infantis. Pretende-se fornecer subsídios para uma abordagem política de leiturização que responda às necessidades individuais e sociais da criança cidadã.

Para Coelho (1993), a literatura é uma das mais belas artes, sendo sua matéria a palavra, o pensamento, as idéias e as imagens. E ainda, a literatura infantil tem um conteúdo capaz de despertar a curiosidade e o interesse pelo livro de leitura. O leitor/narrador tem em seu poder uma infinidade de recursos para despertar, desenvolver e aprimorar o interesse pela literatura infantil, rumo à busca de um mundo de magia e imaginação.

Cabe ao professor e à escola auxiliar a criança, ainda na educação infantil, a formar sua consciência-de-mundo, através da literatura e da leiturização, promovendo atividades que permitam a busca pelo prazer da leitura, além da interiorização e reflexão, em que a criança irá descobrir novos significados, bem como conhecimentos adicionais provenientes das interpretações pessoais que fará da história.

Nos meados dos séculos XIX e XX, os livros com histórias infantis começavam a circular no Brasil; no entanto, em sua maioria, possuíam um tom de coersividade. De acordo com Khède (1986), eram repletos de componentes ideológicos, e estes, por sua vez, eram veículos de expressão da classe dominante com o intuito de “moldar” a criança.

Hoje, ao contrário, os livros de literatura infantil estão disponíveis nas mais variadas classes sociais e com uma diversidade de gêneros, estilos e com o objetivo de provocar as emoções, dar prazer e divertir.

[.] dos anos 70 para cá, cada vez mais se acentua a necessidade de se atribuir à escola, em sua dupla responsabilidade; - 1º a de que exige do educando a assimilação da informação e conhecimento para interagir e integrar a criança a um determinado conjunto coerente do saber; - 2º é a que deve estimular e liberar as potencialidades específicas de cada uma delas (Coelho, 1993, p. 16).

Em suma, para garantir o desenvolvimento da arte literária desde a pré-escola, cabe ao educador, com a escola, dotar as crianças de instrumentos essenciais de prazer, formação e informação, oferecendo subsídios de leiturização que possam desenvolver a consciência-de-mundo.

Coelho (1993) destacou sete princípios ou pressupostos orientadores para um projeto de ensino em qualquer nível de aprendizagem. São eles:

- 1- a concepção de criança como um ser educável, tem o ser humano como aprendiz da cultura;
- 2- a concepção da literatura como um fenômeno de linguagem resultante das

- experiências existentes: sociais e culturais;
- 3- valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura;
- 4- compreensão da literatura como um diálogo entre leitor e texto: atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade (as emoções, o intelecto e o imaginário);
- 5- concepção da escrita como ato fruto da leitura assimilada/criativa/estimulada;
- 6- certeza de que os meios didáticos são neutros: a eficácia depende do grau de conhecimento/adequação/intencionalidade de quem escolhe e manipula;
- 7- certeza de que a escola é o espaço privilegiado, onde deve ser colocado o alicerce do processo de auto-realização, vital/cultural.

Propomos a inclusão diária e progressiva da prática da literatura infantil em salas de aula pré-escolares, sabendo que é preciso conquistar a capacidade de ler, traduzir, aprender e criticar cada história proposta, desde o início da alfabetização.

As crianças ainda adoram ouvir histórias, mas somente quando são contadas com prazer e entusiasmo por quem lê. Através do hábito da leitura diária, as crianças serão estimuladas a recorrer cada vez mais aos mais variados tipos de linguagens, que as ajudarão a estarem capacitadas para enfrentar os desafios da modernidade.

Mas, acima de tudo, ler histórias significa pensar, refletir, estar a favor ou contra, comentar, trocar opiniões, posicionar, exercer a cidadania,

[.] a arte da palavra é um jogo descompromissado... é fruto da imaginação criadora e livre... necessidade vital... e nela há uma

essência eterna e substancialista (Coelho, 1993, p. 24).

É no ato da leitura, através da obra literária, que se dá o aprimoramento da consciência-de-mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, a leitura começa a atuar em seu espírito crítico como ser social. Mas, para isso, será necessária a junção de dois elos: primeiro, o sujeito (quem lê); segundo, o objeto (o livro). É necessário que se estabeleça relação entre ambos. Se se quer ensinar a criança a gostar de ler e interessar-se pela leitura, é conveniente que esta seja agradável, prazerosa e estimulante. A partir dela, deve-se propor atividades/diálogos/brincadeiras e situações em que a criança possa interagir e, conseqüentemente, buscar significados na relação com o meio.

Com base nos Referenciais Curriculares Nacionais (1998, p. 117, v. 3),

[...] a aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

O trabalho com linguagem oral possui uma importância fundamental para a formação do sujeito, sua interação e orientação com outras crianças e na construção do desenvolvimento do pensamento lógico.

Ao professor de educação infantil, cabe organizar e promover na criança a participação/familiarização e interesse pela leitura da história, de maneira que elas próprias ampliem, reconheçam, escolham, leiam e escutem as mais diversas formas textuais, proporcionando, através da oralidade da leitura e escrita, o processo de aprendizagem.

A importância dada à leitura, nas

séries iniciais decorre de que a

[...] habilidade de ler/ouvir é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade... reveste de uma aptidão cognitiva... e caracteriza toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca... ler qualifica a relação com o real (Zilberman, 1984, p. 16).

Ainda em Zilberman (1984, p. 21) “é o recurso à literatura, que pode desencadear com eficiência um novo pacto entre criança e professor”. Isso ocorre pelo fato de que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, através da qual pode-se estimular a fantasia processada segundo a imaginação infantil. Têm a escola e o professor um papel fundamental na organização e promoção do interesse pela leitura, fatores determinantes para que o processo de engajamento da criança no mundo literário se viabilize na sua plenitude.

Por que trabalhar literatura infantil na pré-escola?

Ferreiro (1985) diz que a pré-escola deveria permitir a todas as crianças liberdade de experimentar os sinais escritos, em um ambiente rico em escritas diversas, ou seja, escutar alguém lendo em voz alta e presenciar adultos escrevendo... tentar ler utilizando-se de dados contextuais... Em uma sala de pré-escola deve haver “coisas” para ler.

Ainda, segundo Ferreiro (1985), o ato de leitura é um momento mágico. Os educadores têm que se preocupar em proporcionar às crianças ocasiões em que possam participar de momentos de leitura em seus mais variados gêneros, sejam eles livros de gravuras, quadrinhos, contos, fábulas,

mesmo que esta leitura não ocorra de maneira convencional, sendo apenas visual e/ou tátil. Nesse momento, o professor, como mediador da leiturização, estará favorecendo uma interação entre o mundo físico e o imaginário da criança.

Smolka (1996) disse que o trabalho com literatura implica forjar e constituir a dimensão lúdica e estética, fantástica e maravilhosa dos textos e das atividades de leitura e garantir não só a prática de leitura, como também a autoria do texto escrito.

Conclui-se que o trabalho com literatura infantil, tanto quanto o processo de leiturização, deve permanecer como centro das preocupações das escolas e dos adultos, por uma questão política e cultural, dando ênfase ao processo de desenvolvimento do indivíduo como ser apto e capaz de discernir o real do imaginário.

De acordo com Foucambert (1994), foi através de diversas experiências e reflexões pedagógicas sobre literatura e leiturização infantil que se pôde chegar a alguns dos porquês da alfabetização através da leitura, os quais são:

- a natureza do ato léxico – o sistema da escrita alfabética tem o compromisso com duas exigências: a primeira delas é a de codificar o som da língua oral e a segunda é a de decodificar diretamente o seu significado;
- no estatuto do leitor, segundo Foucambert (1994), ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro para compreender melhor o que se passa na nossa;
- as condições para aprender a ler e o desenvolvimento da leitura dependerá de

que o leitor/ouvinte esteja integrado em um grupo que de fato já utiliza a escrita e leitura para viver.

Isso significa que é bom que a criança pré-escolar permaneça o maior tempo possível próximo a alguém que utilize os recursos da linguagem oral e escrita nas atividades diárias.

Cagliari (1997) citou três tipos de leitura: a ouvida, a falada e a visual, sendo que a leitura oral é feita não somente para quem lê, mas pode ser dirigida a outra pessoa, e é desse modo que ocorrem os primeiros contatos da criança com a leitura. Ouvir uma história, segundo o autor, equivale a ler com os olhos. Principalmente nos primeiros anos de vida escolar, o ato de ler é uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de texto, desde que seja trabalhado de forma prazerosa.

Ao trabalhar obras literárias, o professor irá proporcionar a ampliação dos repertórios textuais, permitindo que os alunos sejam leitores e produtores de textos.

Através do ouvir/contar histórias, a criança poderá conhecer as muitas formas de vivenciar a vida, pensar e agir, mediante as várias tendências literárias do contexto social e cultural.

A leitura pode constituir-se em uma fonte inesgotável de imaginação e fantasia, desde que o professor seja estimulador e mediador do prazer, conhecendo e interagindo cada vez mais com as diversidades textuais literárias e os vários recursos decorrentes da modernidade, respeitando, sem dúvida, cada faixa etária e, também, a cultura individual e coletiva dos envolvidos.

Deve-se propor ao aluno, através do

ato literário, que ele interaja e seja um agente ativo da história, podendo concordar, discordar ou reproduzi-la.

Para que o sucesso seja compensador, é necessário que o animador desse processo goste e se identifique com o que lê. Para que a emoção seja recíproca e contagiante, é primordial que o leitor leia antes e se deixe dominar pela história, para só então contá-la às crianças, de modo a cativar o interesse delas em ouvir.

É muito importante que as crianças vejam os adultos lendo em casa ou os professores lendo nas escolas. A partir daí, elas poderão tomar esta visão como modelo de vivência diária, recebendo incentivo para ampliar e aprimorar gradativamente o gosto pelos livros, em seus diversos estilos literários.

Para que trabalhar literatura infantil na pré-escola

O trabalho com a literatura infantil na pré-escola poderá:

- proporcionar a participação da criança pré-escolar em situação de leitura, mesmo que isso não seja feito convencionalmente;
- incentivar a valorização da leitura como fonte de prazer e entretenimento;
- instigar a observação e manuseio de materiais impressos ou confeccionados;
- criar e ampliar o gosto pela leitura, desde que seja proporcionado o contato, o mais natural possível, com os livros em seus diversos formatos.

É imprescindível uma biblioteca de boa qualidade, bem organizada e espaçosa, para que as crianças possam manusear

livros por puro prazer e interesse. Poderão, entre si, trocar idéias e conhecimentos, debatendo e diversificando materiais e conteúdos.

As crianças precisam ter liberdade para se tornarem leitores. Quando ouvem história de maneira imposta, com certeza, não será alcançado o objetivo, que é a plena satisfação de imaginar e fantasiar.

Cabe à escola utilizar estratégias com as quais pode enriquecer as atividades de leitura. Ao professor, especificamente, como mediador do processo literário, cabe ler para as crianças, organizar e favorecer situações de leitura, utilizando-se de métodos construtivos e significativos, que influenciarão no aprendizado, interação e organização do saber escolar.

É através do contato com o narrador que as crianças irão aprimorar seus sentidos, ao ouvir e se expressar, utilizando uma dinâmica de interpretação, entendimento e tradução do que foi lido, ouvido e visto.

Também ocorrerá maior interação e criatividade, no sentido de que as demais situações de aprendizagem sejam refletidas de forma positiva, ou seja, a criança saberá se sobressair em diversos campos e situações de aprendizagem, partindo do pressuposto de que irá ter facilidade na convivência diária com outras pessoas.

A finalidade mais que positiva, em relação ao trabalho com literatura infantil, é que este servirá de elo para satisfação pessoal, prazer e conquista, na qual tudo pode acontecer e é possível a realização através da fantasia produzida após a leitura.

Crítérios a serem observados para o trabalho de literatura infantil na pré-escola

Ouvir histórias e contá-la são procedimentos de que as crianças pré-escolares gostam muito. Contar histórias é uma arte. Por isso, requer algumas estratégias e técnicas para prender a atenção do ouvinte. É uma arte que lida com as palavras; processo essencial na busca da sobrevivência humana.

De acordo com Silva (1989, p. 17),

[...] a força da história é tamanha que o narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade a ponto de diluir o ambiente real ante a magia da palavra que comove e eleva.

Para se contar história, o leitor deve estar consciente do quanto ela é importante, deve emprestar vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o tema, enredo, formato, estilo e, conseqüentemente, recriá-la, ou seja, dar-lhe vida em uma linguagem oral e expressiva. A escolha da história é que irá sugerir a melhor forma de apresentá-la, de acordo com a faixa etária dos envolvidos, espaço/ambiente e tempo.

Ao escolher um gênero de literatura a ser trabalhado, seja ele conto ou poesia, devemos, como mediadores, ter a preocupação de ler para interagir, recriar e apreender os significados da leitura.

Dentro da literatura infantil brasileira, é possível utilizar-se de diversos gêneros que possam auxiliar na ampliação do gosto pela literatura. Os referidos recursos são responsáveis pela diversidade da produção literária infantil: contos, poemas,

parlendas, lendas, fábula, trava-língua, canções infantis, quadrinhos (gibis), livros de imagens.

Pode-se utilizar dessa diversidade para levar a criança a recriar, enriquecer experiências e desenvolver as diversas formas de linguagens (falada, gestual), de acordo com a sua cultura, ampliando, ao mesmo tempo o vocabulário, chegando a diferenciar o real do imaginário.

Nas diversidades textuais, há uma infinidade de materiais concretos que poderão aprimorar, enriquecer o ato de contar histórias, possibilitando que seja algo agradável, prazeroso, estimulador e aguçador do imaginário. São eles: quadro de pregas, teatro de sombra, teatro com varas, vídeo, flanelógrafo, o próprio livro, cartazes, dobraduras, álbum seriado, máscaras, fantoches e outras infinitudes de recursos que poderão ser confeccionados pelas próprias crianças.

A partir de então, o professor/contador de histórias poderá trabalhar com fixação, entendimento e estimulação da criatividade. Alguns recursos são muito válidos para haver interiorização, no sentido de entender e recriar. Entre eles: dramatização, desenhos, colagens, confecção de material e jogos.

O contar história deve ser uma atividade prática, diária e constante, na sala de aula, ou em outro local adequado. Para que seja vista como uma forma criativa, estimulante e prazerosa, algumas regras básicas devem ser seguidas, para ser uma atividade bem proveitosa.

O primeiro passo consiste em "o que" contar. Para isso, é necessário fazer um levantamento inicial, tendo em vista:

a) gêneros literários (contos, poemas, lendas, quadrinhos, outros);

b) interesse do ouvinte (respeitando sua faixa etária, sua história social, cultural e econômica);

c) estilos visuais que possibilitem a interação da palavra com a imagem.

Textos coloridos, texturas (papel/tecido/plástico) também são auxiliares essenciais para a interação da criança pré-escolar com o enredo e seqüência da história.

Ao contar uma história, é preciso que o narrador esteja totalmente envolvido com os fatos, para que possa despertar, no ouvinte, a sensibilidade e a emoção. É preciso gostar do que lê, para transmitir essas sensações de prazer em ouvir. Deve utilizar também uma linguagem clara e de bom gosto.

Silva (1989, p. 14) disse que "a história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral". É preciso respeitar-lhe as peculiaridades e seu estado emocional.

Após ter decidido o que contar e a quem contar, são necessárias algumas conjugações de elementos, para obter êxito na atividade literária, que são:

- o espaço (um ambiente agradável e confortável), que possua boa iluminação, característico para tal procedimento, por exemplo, paisagens e cenários que possibilitem ser modificados ou não, conforme o tema trabalhado;
- o tempo (histórias muito longas, dependendo da idade, são cansativas);
- a linguagem (acessível à idade): dentro deste item podem-se destacar as linguagens narrativas e descritivas, tratando-se

de crianças pré-escolares, apesar de haver outros estilos.

- o leitor/ouvinte (ambos devem se posicionar de forma que possam ser vistos de maneira agradável e sem tumulto).

O que e para quem contar as histórias infantis?

Tratando-se do que contar, é relevante considerar alguns pontos fundamentais, no que se refere à idade dos ouvintes:

a) até 3 anos, a criança se encontrará na fase pré-mágica (gostam de histórias que contêm bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza humanizados, e histórias de crianças;

b) de 3 a 6 anos, gostam de histórias de repetição e acumulativas, por exemplo: dona baratinha, formiguinha e a neve... e histórias de fadas e heróis.

Na fase pré-mágica (até 3 anos), as histórias devem constituir-se:

- enredo simples, vivo e atraente;
- brinquedos e animais que rodeiam a vida das crianças;
- situações que se aproximem do cotidiano das crianças; e
- muito ritmo e repetição.

Na fase mágica (de 3 a 6 anos), as crianças têm como características solicitar várias vezes a mesma história (chama-se a fase do conte de novo):

- no início, são textos curtos, com histórias e enredo reduzidos;
- logo após, começa o gosto por histórias com animais domésticos, circos, zoológicos, alimentos, flores, nuvens, festas, etc.;
- com o passar do tempo (dentro dessa

faixa etária), a própria criança vai-se interessando por textos mais longos.

Passada a fase da escolha da história, considerando a faixa de idade, é necessário estudá-la, captar a mensagem, divertir-se e relacionar alguns elementos básicos que fundamentam o contar história. Em Silva (1989),

a) introdução: tem por objetivo localizar a história no tempo e espaço, por exemplo: "Era uma vez...", "Há muitos anos...", "Em algum lugar...";

b) enredo: refere-se à seqüência das ações dos personagens;

c) clímax: refere-se ao auge da história, é o ponto chave mais esperado do enredo;

d) desfecho, ou final da história, é o acontecimento de toda a história, por exemplo, "E foram felizes para sempre", acaba por dar o equilíbrio final.

Ao trabalhar a literatura em qualquer série com crianças, o leitor (narrador) pode-se apropriar de diversas técnicas e recursos como melhor forma de apresentação. As mais comuns, segundo Silva (1989), são:

- a simples narrativa;
- com auxílio dos livros;
- com uso de gravuras;
- com flanelógrafo;
- com desenhos;
- as narrativas, com interferências do narrador e ouvinte (trata-se do narrador lendo a história e os ouvintes participando oralmente com sons, ou através de expressões corporais, fazendo gestos).

Ao trabalhar a simples narrativa, o narrador não necessita de nenhum acessório para contar a história, somente sua voz, com entonação e gestos.

São exemplos com os quais se pode trabalhar a forma narrativa: lendas, fábulas, histórias de tradição oral. São as que mais estimulam a criatividade.

Com o livro, há uma técnica para a realização de um bom desempenho. Segundo Silva (1989, p. 33), "devemos mostrar o livro para a classe... com a mão direita, enquanto que a esquerda, sustenta a parte inferior do livro". Nesse momento, o narrador já deve saber a história sem a ler no livro, para que as crianças possam acompanhar com as imagens. Essa apresentação, além de estimular o gosto pela leitura, contribui para desenvolver o raciocínio lógico infantil.

As gravuras podem ser ampliadas, favorecendo as crianças pequenas, permitindo-lhes a observação dos detalhes. Através da forma visual, há o recurso de se utilizar o flanelógrafo, que se torna muito prático, no qual o personagem é colocado individualmente, sendo que o destaque é dado ao personagem principal, dando uma idéia de seqüência do momento.

O trabalho com desenhos é muito atraente e aguça a curiosidade. No caso de as histórias terem poucos personagens, pode-se utilizar desenhos em papel de metro, ou com o próprio giz na lousa, enquanto se conta a história.

Narrativas com interferências entre o narrador e ouvinte proporcionam a participação de ambos pela voz ou gestos, como, por exemplo:

- a língua falada (alguns trechos que se destacam durante a história);
- cantada (com estribilho que se repete no momento exato);
- de grupo (apenas com gestos, o narrador

comanda o grupo para que cante/fale ao mesmo tempo).

Ao ter todos esses recursos ao alcance, cabe ao narrador manter uma conversa antes de iniciar a história para facilitar o entendimento e evitar interrupções. É conveniente que o narrador/ contador de histórias deixe as crianças falarem sobre o tema central, o que tem, de que gostam, como é, como foi, etc. "Uma conversa informal estabelece uma empatia indispensável e ainda permite ao narrador conhecer melhor as crianças" (Silva, 1989, p. 49), além de dar-lhes oportunidade de se comunicarem verbalmente.

Por que e para que critérios para o trabalho com literatura infantil na pré-escola?

Coelho (1993) afirmou que, na fase pré-escolar, a presença do adulto é fundamental. A sua orientação para brincadeiras com os livros aprofunda a descoberta do mundo concreto e da linguagem, através das atividades lúdicas.

Nessa fase, tudo o que ocorre é importante e significativo. Por isso, é fundamental que os livros trabalhados proponham que haja:

a) predomínio da imagem (gravuras, desenhos, ilustrações), a fim de que a criança comece a perceber a inter-relação com o mundo da palavra;

b) imagens que devam sugerir uma situação (um acontecimento/um fato), que lhe seja significativa e atraente;

c) desenhos e pinturas (coloridas, traços e linhas nítidas), para provocar um olhar atraente;

d) graça, humor e clima de expectativa;

e) técnica de repetição ou reiteração, que sejam favoráveis para manter a atenção e o interesse.

Os livros de literatura, quando bem escolhidos, possuem uma fonte rica de materiais, permitindo vários tipos de leitura, como a "hora do conto", que leva as crianças a explorarem a leitura visual, bem como os seus sentimentos e emoções.

Através da escolha e montagem das técnicas e recursos para se trabalhar a literatura e todos os passos cabíveis a serem tomados e previstos, objetiva-se que a criança:

1º) escolha estratégias motivadoras;

2º) tenha habilidade de linguagem;

3º) interaja e se integre com maior facilidade ao meio social e cultural em que vive;

4º) consiga visualizar uma linguagem gostosa, prazerosa, participativa e envolvente;

5º) compartilhe visualmente da leitura (risos, lágrimas), aprimorando os sentidos;

6º) estimule sua fantasia e imaginação;

7º) seja sensibilizada para leitura, oferecendo diferentes contatos com textos escritos ou imagens, desencadeando a fonte de prazer, informação e fantasia;

8º) seja capaz de ler/ouvir com motivação, aproximando o texto à sua realidade sócio-cultural.

Para que ocorra a efetivação do trabalho de leiturização e que se promova a relação professor x aluno, a seguir, há dez tópicos necessários para se formarem leitores de literatura infantil.

1- Atualizar-se: o professor, como mediador do gosto de ler, deve estar

atualizado quanto às novidades de literatura (novas edições, diferentes estilos e formatos, lançamentos de livros premiados e outros).

2- Auxílio à biblioteca: levar os alunos à biblioteca (da própria escola, da escola municipal da cidade, ou de outra instituição que desenvolva o trabalho literário), para manter contato com diferentes estilos textuais.

3- Livre manuseio: ter sempre, na sala de aula, livros de diferentes modalidades, em um local de fácil acesso, para que os alunos possam manuseá-los

4- Satisfação: não ler por obrigação ou imposição, e sim por prazer. As crianças percebem, através dos sentidos e expressões, quando a leitura está interessante ou não.

5- Incentivo: incentivar as crianças a levarem os livros para casa, para que os pais possam ler para elas.

6- A roda: formar a "roda" diariamente. Cabe ao professor estipular com os alunos a hora e a duração (no começo/no final/ou após o intervalo).

Obs. Histórias longas são cansativas e desmotivantes.

7- Criatividade: é preciso animar a turma antes e durante a leitura. Como? Usando de recursos, como inventar vozes de personagens, apresentar fantoches, bonecos e outros.

8- Comunicação: fazer um breve relato sobre o tema, deixar os alunos falarem sobre a história; eles gostam de comentar. Se isso não acontecer, instigá-los, fazendo comentários, mas sem pressionar. Só assim se interessarão e passarão a se

comunicar e expressar-se.

9- Posicionamento: o professor (ou quem for contar história) deve se posicionar de maneira que todos possam vê-lo, ouvi-lo, ou visualizar o recurso por ele utilizado.

10- Musicalidade: ao iniciar a leitura, sempre cantar para chamar a atenção, mostrando que chegou a hora de ouvir histórias, portanto, devem permanecer em silêncio. Cabe ao professor improvisar ou inventar uma canção antes de iniciar a história.

Conclusão

A partir do momento em que o leitor/narrador estiver consciente do papel exercido dentro das finalidades, objetivos e critérios propostos neste texto, abrirá, ao seu redor, uma infinidade de possibilidades, para que possa se expandir o gosto pela literatura infantil, tendo como princípio a sua colaboração na formação da criança como um ser social e cultural.

Vale salientar que o objetivo desse trabalho com a Literatura Infantil, quanto ao contar história, não é simplesmente ler para ler, ou passar o tempo, e sim, ler para contar, para interagir, para criar, para expressar e se posicionar, contra ou a favor, diante de um fato.

O ato de tornar a criança um leitor mirim, ou simplesmente um ouvinte literário, favorecerá a amplitude para o reconhecimento do que é imaginário. Sem contar também que o imaginar e o fantasiar irão favorecer uma "fuga", de que todos os indivíduos, desde a mais tenra idade, necessitam em alguns momentos da vida.. Uma "fuga" boa e saudável, em que tudo é possível

acontecer, e não aquela relacionada ao fugir das situações a serem resolvidas.

É válido salientar que deve haver amadurecimento por parte do leitor, como narrador, na busca da conscientização da importância de formarem leitores. Amadurecimento este que deve estar baseado e fundamentado na importância da literatura no cotidiano infantil.

Convém deixar claro que, quem lê para a criança, está contribuindo para a valorização intelectual do leitor infantil, permitindo-lhe a atualização do pensamento mágico, e para o aprimoramento do desenvolvimento psíquico e até motor, que auxiliarão na qualificação do saber ouvir, escutar e se expressar significativamente.

Referências bibliográficas

- BRASIL Ministério de Educação e do Desportos. RCN's (Referencial Curricular Nacional para Ed. Infantil). *Conhecendo o Mundo*. Brasília: Secretária de Ed. Brasileira - MEC / SEF, 1998. v. 3.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. A leitura. São Paulo: Scipioni, 1997.
- COELHO, Nelly. *Literatura infantil* – teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1993.
- FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em questão*. As abordagens mediativas (por uma política de leiturização). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *A leitura em questão*. As abordagens teóricas (preliminares pedagógicas da escrita). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KHÊDE, Sônia Salomão. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado, 1986.
- SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar história: uma arte sem idade*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- SMOLKA, Ana Luíza B. *A criança na fase inicial da escrita* – a alfabetização como processo discursivo. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira* – história, autores e texto. Leitura em crise na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.